



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
aula inaugural da Unila e cerimônia de assinatura do decreto de criação  
da Comissão de Desenvolvimento e Integração da Faixa de Fronteira**

**Foz do Iguaçu - PR, 02 de setembro de 2010**

Foi em um dia como hoje que eu tive a ideia de criar o Programa Fome Zero. Fazia tanto tempo que eu não comia, que eu achava que não era possível a gente viver de discursos. Mas, hoje é um dia especial, nós vamos levar em conta aqui a fome. Eu passei ali numa cozinha, tinha um peitinho de frango, daqueles secos, que não tem gosto de nada, porque, normalmente, quando a gente vai comer, assim, com muita gente, é um peitinho de frango sem gosto de nada, com legumes que também não têm gosto de nada, e que... caloria e proteína zero.

Bem, eu quero, aqui, apenas copiando uma tradição imposta no México por Pancho Villa, quando eles fizeram a Revolução Mexicana, no primeiro ato que eles fizeram, ele e o Zapata abandonaram as nominatas. Então, eles diziam “mexicanos e mexicanas” e não diziam mais ninguém.

Como aqui tem muita gente e ninguém é candidato, eu só queria cumprimentar os magníficos reitores, tanto o companheiro Héglio Trindade, reitor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, quanto o companheiro Zaki Akel Sobrinho, da Universidade Federal do Paraná. E cumprimentando eles, eu estarei cumprimentando todos os magníficos reitores que estão aqui presentes, todos os prefeitos aqui presentes, todos os alunos aqui presentes, agradecendo a Itaipu Binacional, na pessoa do Cudas e na pessoa do companheiro Samek, que tanto têm trabalhado para que as coisas deem certo. E também as nossas queridas María Alfonsina Medina, da Argentina; Betânia Cristina, do Brasil; Nadia Rocio Ruiz, do Paraguai; e Patrícia



Santos, do Uruguai, por meio de quem eu quero cumprimentar todos os companheiros e companheiras, alunos, que estão estudando aqui na Unila.

Por mais, por mais, eu queria dizer para vocês que eu vou cansar vocês contra a minha vontade, mas está volumoso.

Bem, primeiro, companheiros, eu queria dizer para vocês... Antes de mais nada, eu gostaria de aproveitar este evento na tríplice fronteira Brasil, Argentina e Paraguai, para dizer que, muitas vezes, nosso olhar autocentrado enxerga as divisas como o lugar onde acaba o país, uma espécie de fundo de quintal da nação e do seu desenvolvimento. Outras vezes, confunde-se a fronteira com uma zona de exceção da democracia, onde o imperativo da segurança dispensaria outros requisitos de coesão social, como o crescimento econômico, empregos, educação, saúde, lazer, urbanismo e vida participativa. Essa visão que acha possível haver segurança sem cidadania esquece que as fronteiras representam também o espaço onde começa um país. Elas formam, de fato, uma espécie de sala de visita da sociedade, a síntese daquilo que somos, daquilo que estamos construindo, daquilo que queremos ser. No caso brasileiro, é bom lembrar: essa sala de visitas tem cerca de 15 mil quilômetros de extensão, abriga 10% da nossa demografia e compreende 588 municípios, distribuídos em 11 estados da Federação. É um enorme salão de visitas, com portas abertas para dez países irmãos. Nenhum órgão ou instituição do Estado brasileiro pode dar conta desse universo isoladamente.

Para que as nossas fronteiras possam representar dignamente o país, por respeito aos nossos vizinhos e a nós mesmos, estamos assinando hoje – eu acabei de assinar – o Decreto de Criação da Comissão Permanente de Desenvolvimento e Integração da Faixa da Fronteira. O nosso objetivo é mobilizar transversalmente as ferramentas e instituições federativas para equacionar desafios e gargalos específicos do desenvolvimento nas divisas nacionais. Ainda não é o PAC das Fronteiras, mas, quem sabe, possa vir a ser uma semente nessa direção.



Meus amigos e minhas amigas,

Quero agora ressaltar que na vida de uma sociedade e sobretudo na rotina de uma fronteira, não há momento mais encorajador do que aquele em que o Estado cria uma escola. Felizmente, desde 2003, a experiência de criar escolas tem se repetido com notável frequência no Brasil. A Universidade Federal da Integração Latino-Americana é uma das 14 instituições federais de ensino superior criadas em nosso governo. Ela integra um esforço inédito para ampliar o acesso da juventude pobre ao ensino superior de qualidade. Faz parte de um mutirão, que está implantando 117 extensões universitárias em todo o território brasileiro. Inclui-se aí a criação de 704 mil bolsas de estudo do ProUni, além da ampliação de vagas de ingresso nas instituições federais, que passaram de 113 mil para 249 mil vagas por ano. Isso tudo, tudo isso acontece simultaneamente. Há uma revolução no ensino profissionalizante, que ganha 214 novas escolas técnicas até o final do meu governo.

A Unila, inaugurada em 16 de agosto, é um caso especial pelo qual temos enorme carinho. Ela se destaca nesse cenário pela singularidade de sua abrangência. Suas portas não se abrem apenas aos moços e moças do Brasil, mas a toda juventude latino-americana. Metade dos seus dez mil alunos, assim como metade dos seus 250 professores que formarão seu corpo docente, virão de países irmãos da América Latina. O campus da Unila, abrigado nas instalações da Hidrelétrica de Itaipu, foi concebido para ser a prefiguração do desenvolvimento regional integrado e solidário que estamos construindo através do Mercosul e da Unasul.

Meus queridos amigos e amigas,

Queridos estudantes,

A Unila é um novo marco histórico na vida dessa fronteira, que vem redimir a sombra de um passado incompatível com as aspirações seculares dos nossos povos. Para vocês, que certamente ainda nem haviam nascido, é



importante lembrar que a construção da Hidrelétrica de Itaipu, iniciada em fevereiro de 1971, coincidiu com um momento sombrio da democracia regional.

Em 1976, enquanto fervilhavam os canteiros de obras, a sociedade paraguaia, por exemplo, experimentava o ápice de uma espiral repressiva, que derramaria o sangue de incontáveis jovens lutadores pela liberdade. No Brasil, vivia-se a ressaca do chamado “milagre econômico”, um acerto de contas doloroso, que cobrava a fatura da abolição da liberdade na condução do nosso desenvolvimento. Crescimento e tirania política marcariam os anos de chumbo em outros pontos da nossa região. O caso brasileiro, porém, passaria à história como a síntese superlativa desse ato da liberdade.

Deixado à própria sorte, sem os contrapesos da democracia, o mercado fez o bolo econômico crescer em nosso país, sem alterar a sexta maior taxa de desnutrição do mundo. Nada mais distante desse paradoxo do que a agenda que perseguimos hoje, na construção de uma América Latina soberana, democrática, cooperativa e justa com seus povos.

Vocês sabem que cada ciclo histórico tem seu núcleo de formulação estratégica. O que se espera da Unila nessa nova etapa da vida latino-americana, não é apenas que ela cumpra o papel de uma instituição acadêmica convencional. Daí o nosso extremo carinho por este projeto, a exemplo do que temos com a Universidade Brasil-África, que também estamos construindo para estreitar a ponte histórica que nos une ao continente africano. O maior desafio da Unila é tornar-se a alma gêmea da integração regional, uma caixa de ressonância, ouvida e respeitada, como um centro avançado de referência e mobilização da inteligência latino-americana. A formação de blocos regionais é o novo escopo da luta pelo desenvolvimento no mundo globalizado. Somente o ganho de escala que esses blocos permitem poderá viabilizar investimentos e saltos tecnológicos inacessíveis a nações isoladas, tornando-as assim menos vulneráveis às instabilidades inerentes ao circuito financeiro globalizado, como vimos na crise em 2007, 2008 e 2009.



Ao preconceito conservador, que nega o alcance do Mercosul e da Unasul, devo lembrar que a América Latina já é o mais importante destino das exportações brasileiras. De janeiro a julho deste ano, 46,7% das nossas vendas de manufaturados foram dirigidas ao mercado regional. Uma integração efetiva, porém, não se faz apenas com trocas comerciais. Não se transforma uma região à revelia do bem-estar de seu povo, à margem dos seus intelectuais e artistas, indiferente às aspirações da juventude. A grande verdade é que as riquezas que nos complementam são maiores do que as assimetrias que nos dividem. Juntos temos as maiores reservas mundiais de minério de ferro, o maior horizonte de terras aráveis do planeta, a maior floresta tropical do mundo, grandes estoques de carvão, petróleo, gás, cobre, bauxita e um potencial hidrelétrico incontestável, de que Itaipu é apenas um exemplo.

A desigualdade social latino-americana, portanto, apontada como a maior do mundo, não tem origem na escassez, mas, sim, em uma lógica perversa de repartição do excedente econômico de natureza secular, mas perigosamente aprofundada nos anos 80 e nos anos 90. A fé cega no absolutismo dos mercados condicionou, então, a trajetória do continente. Circuitos de riqueza e de poder, fadados a concentrar renda e consumo outrora reconhecidos como obstáculo ao desenvolvimento, ganharam o incentivo e a cumplicidade de governos, inspirados em modelos de acumulação impiedosamente regressivos e antinacionais. A fronteira do Estado recuou perigosamente; políticas públicas, em especial, políticas sociais e de infraestrutura perderam espaço na agenda nacional. Do Rio Grande à Patagônia, a bola de neve do subdesenvolvimento ganhou velocidade assustadora.

Felizmente, hoje, esse nosso continente, secularmente dividido e diminuído em sua identidade geopolítica e cultural, vive um novo tempo. Nunca as condições políticas foram tão propícias às metamorfoses do cenário regional, em um duradouro ciclo de desenvolvimento, capaz de reverter e



superar definitivamente carências e inequidades históricas. Algo que parecia ser perdido, ou talvez nunca tenha existido entre nós, começa a pulsar em nossos corações: o sentimento de pertencer a uma mesma comunidade de destino. Ser latino-americano hoje, meus queridos companheiros e companheiras da primeira turma da Unila, significa fazer parte da mais promissora fronteira da luta por justiça social do século XXI.

Dizia o saudoso amigo e economista Celso Furtado que o principal desafio de uma integração regional não é sobrepor o que já existe em cada país, mas, sim, criar novas estruturas que funcionem, elas próprias, como alavancas indutoras de uma outra lógica de desenvolvimento. Esse é o espírito que deve orientar a Unila, esse é o protagonismo estratégico que esperamos dela como caixa de ressonância de um novo e auspicioso capítulo da unidade regional.

Companheiros e companheiras,

A aula inaugural vai começar agora. Isto aqui era um discurso institucional.

Apenas para dizer para vocês algumas coisas que aconteceram na minha trajetória política, que tem a ver com o que nós estamos colhendo hoje. Eu fui ao primeiro aniversário da Revolução Sandinista, em 19 de julho de 1980. Lá eu tive a oportunidade de conhecer toda a direção da Frente Sandinista e lá, pela primeira vez, eu tive a oportunidade de ter uma longa conversa com o presidente Fidel Castro. Lá eu tive a oportunidade de conhecer o Arafat e tive a oportunidade de conhecer outras figuras. Naquele tempo, era um tempo de muita incerteza para a nossa juventude e um tempo de muita inquietação. Eu lembro que a palavra de ordem mais ouvida na Nicarágua, naquele 19 de julho, era uma palavra de ordem que dizia: “Se a Nicarágua venceu, El Salvador vencerá”. E lá estava, próxima à Nicarágua, a Frente Farabundo Martí, há 15 anos tentando, pela via da luta armada, chegar ao



governo de El Salvador, enfrentando uma luta muito sangrenta com os soldados orientados, na época, pelas Forças americanas.

Em 1985... 1982, a gente tinha fundado o PT. O PT tinha apenas dois anos de existência, e pela lógica da legislação política brasileira, a gente era obrigado a legalizar o partido no mínimo em nove estados, e a gente era obrigado a ter pelo menos 20% dos municípios dentro de cada estado legalizado e a gente era obrigado a concorrer à eleição majoritária.

Naquele tempo não tinha propaganda no rádio e na televisão, era um pouquinho de tempo para cada um, e eu lembro que o PT era um partido com tanta gente que tinha participado da luta armada, que às vezes a propaganda do PT parecia um prontuário policial. Tinha gente que dizia: "*Magnus actus* [*actus magnus*]: sequestrador de avião; Manoel da Conceição: perdeu uma perna". A minha era assim... Não, "Altino Dantas, filho de general, condenado a 96 anos de cadeia". A minha era assim: "Luiz Inácio Lula da Silva, ex-engraxate, ex-tintureiro, ex-torneiro mecânico, ex-sindicalista, ex-presos político; um brasileiro igualzinho a você".

Eu fui candidato ao governo e tive, naquela época, 1,25 milhão de votos e me achei o mais derrotado dos seres humanos que disputou uma eleição. Se eu desse... Se eu tivesse tido de voto, em [19] 82, a quantidade de autógrafos que eu dava, eu teria sido eleito governador, porque a gente juntava muita gente nas ruas deste país, mas muita gente; eu não sei se era porque a gente era novidade, não sei se era porque era muito feio, as pessoas tinham curiosidade de ver, ou... O dado concreto é que a gente juntava muita gente, que não se resultou em votos, e eu me senti um trapo. Eu nunca pensei tanto em desistir da política como eu pensei em [19]82.

Em [19]85, eu fui para Cuba e fui ter uma conversa com o Fidel. E o Fidel, então, me alertou para uma coisa que me reanimou. Fidel perguntou para mim: "Meu caro companheiro Lula, por acaso..." Não existia, na história da Humanidade, nenhum operário que tivesse tido, até então, 1,25 milhão de



votos, e ele perguntava para mim: “Você conhece algum lugar do mundo onde um operário obteve 1,25 milhão de votos?”. Não existia. Pois era eu, aquele operário que tinha ficado em terceiro lugar na eleição para governador, em São Paulo, o operário mais votado do mundo; e isso me deu ânimo, me deu um ânimo de acreditar em outras coisas, e aí começamos a fortalecer o nosso partido.

Em [19]85, eu dei uma declaração para a imprensa, publicada em um jornal grande de São Paulo, dizendo que eu não acreditava que um operário pudesse chegar ao poder pela via do voto. Em 1989, eu fui para o segundo turno e tive 47% dos votos. E aí, eu descobri que era possível um operário ganhar as eleições pela via do voto, e em 1990 tivemos uma ideia: convidar toda a esquerda da América Latina para uma reunião no hotel Danúbio, em São Paulo. Era época de Copa do Mundo, 1990. Só para vocês terem uma ideia, quando a gente convidava do Paraguai, chegavam quatro ou cinco organizações do Paraguai; da Argentina chegavam 10 ou 12 organizações políticas de esquerda; do Uruguai era mais unido porque tinha frente ampla, e do Brasil era o PT que convocava e só o PT participava, então era mais unido. Mas a gente convocava, da República Dominicana, 18 organizações de esquerda; de El Salvador, não sei quantas organizações de esquerda, as pessoas não conversavam entre si. Na Argentina, a única coisa que unia os argentinos era o Maradona, e nós criamos, então, o Fórum de São Paulo. Só para vocês terem ideia, em 1993, ou [19]92, em El Salvador, o Chávez foi participar do Fórum, nós não deixamos o Chávez participar porque ele tinha tentado dar golpe na Venezuela, e a gente não deixou ele participar.

O dado concreto é que nós fomos criando uma consciência na esquerda da América Latina que passamos a conviver democraticamente, e hoje todos aqueles que participaram do Fórum de São Paulo chegaram ao poder pela via do voto e muitos estão governando os seus países. A democracia é a mais eficaz... é o mais eficaz instrumento que pode levar um negro a ser presidente





dos Estados Unidos, pode levar um negro a ser presidente da África do Sul, pode levar um torneiro mecânico a ser presidente no Brasil, pode levar um índio a ser presidente na Bolívia, e pode levar um Pepe Mujica, que depois de 14 anos preso e seis anos em uma solitária, virou presidente da República do Uruguai. Somente a democracia é que pode elevar um companheiro como o Colom a ser presidente na Guatemala – ele é um sacerdote maia –, ou pode levar um jornalista como o Mauricio Funes a presidente de El Salvador, ou pode fazer Daniel Ortega voltar ao poder na Nicarágua, o Rafael Correa chegar no Equador, Cristina e Kirchner chegarem na Argentina, o Lugo chegar no Paraguai. Quem imaginava que Dom Lugo chegasse ao governo do Paraguai sem ter sequer um partido político? Somente a democracia é que permite que a gente possa chegar ao poder com uma facilidade, e chegando ao poder, transformar as coisas que nós temos que transformar.

Eu estou dizendo isso porque esta universidade vai formar uma nova consciência política na América Latina. Possivelmente daqui a 10, 15, 20 ou 25 anos, nós já teremos uma doutrina, na América Latina, criada por esta universidade. Possivelmente daqui a 10 ou 15 anos, a gente tenha outros países da América Latina criando universidades similares a esta, com mais alunos de vários países estudando em outros países, como Cuba. O que é que explica que um país pequeno como Cuba, pobre como Cuba, consiga fazer uma universidade e levar gente para estudar Medicina em Cuba? E nós não podemos fazer.

Então, eu tinha quase que uma obsessão de criar uma universidade latino-americana, tinha uma obsessão. E quero agradecer ao companheiro Fernando Haddad, ao Congresso Brasileiro, o esforço que foi feito para que a gente pudesse, antes de terminar o meu mandato, estar fazendo este encontro com vocês aqui. Já está pronto o projeto para a licitação do prédio da universidade, mas, enquanto o prédio não vai aprontando, aqui cabem pelo menos uns quatro mil alunos, e a gente espera que no ano que vem já tenha



guatemalteco aqui, já tenha hondurenhos aqui, já tenha salvadorenhos aqui, já tenha cubanos aqui, já tenha chilenos aqui, já tenha equatorianos aqui, sabe? E esta universidade, ela pode ir crescendo. Hoje são 200 alunos, no ano que vem podem ser mais mil ou mil e duzentos. Aqui a gente pode comportar até uns quatro ou cinco mil alunos. Então, não é porque o prédio não está pronto que a gente não vai fazer com que a América Latina vá se integrando aqui.

Eu quero dizer ao companheiro Fernando Haddad que esta é uma coisa extraordinária, mas eu não estava conformado. Eu queria fazer uma universidade para a África, para o continente africano. O Brasil tem uma dívida histórica com a África, uma dívida que a gente não pode pagar em dinheiro, a gente tem que pagar em gesto, em solidariedade. Então, o que nós fizemos? Foi aprovada pelo Congresso Nacional uma universidade afro-brasileira na cidade de Redenção, no estado do Ceará, onde os primeiros trabalhadores negros, os escravos, se libertaram, e lá nós vamos fazer uma universidade para dez mil alunos – cinco mil brasileiros e cinco mil africanos –, para a gente ajudar no desenvolvimento do continente africano.

Eu acho, queridos companheiros e companheiras... vocês estão acompanhando o que está acontecendo na nossa querida América Latina. Vejam, eu sou o primeiro presidente do Brasil que visitou todos os países da América do Sul, da América Latina e do Caribe; eu sou o primeiro presidente que visitou, em um mandato, mais do que todos os presidentes do Brasil visitaram em toda a história do Brasil, o continente africano – eu já fui a 34 países africanos. Eu já fui o presidente que mais foi ao Oriente Médio. Nos países da América Central, eu fui o único presidente brasileiro a comparecer, porque, lamentavelmente, embora Argentina, Uruguai, Paraguai, Brasil, Venezuela e Colômbia, embora todos nós tivéssemos conquistado a independência entre 1800 e 1822 – o Brasil foi um dos últimos a conquistar sua independência –, a verdade é que nós nos libertamos dos colonizadores, mas,



intelectualmente ficamos colonizados, e economicamente nós fomos ficando subordinados à Inglaterra e aos Estados Unidos.

Eu lembro que quando eu disputei a minha primeira eleição, a grande briga aqui era se a gente ia criar a Alca ou não ia criar a Alca, se a gente ia criar a Alca ou fortalecer o Mercosul. A elite brasileira e a elite latino-americana queriam a Alca para subordinar a gente um pouco mais ao poder americano, e nós queríamos era o Mercosul fortalecido e vencemos com o Mercosul. Hoje ninguém fala mais em Alca.

Argentina e Brasil tinham uma balança comercial de US\$ 7 bilhões. Hoje a balança comercial entre Brasil e Argentina chega a US\$ 30 bilhões, porque tanto a Argentina ficava olhando para os Estados Unidos, como o Brasil ficava olhando para os Estados Unidos. Nós não confiávamos em nós mesmos, nós vivíamos de costas uns para os outros. E o papel que o Brasil joga na América do Sul como o país de maior população, como o país de maior industrialização, como o país de maior PIB é a obrigatoriedade de solidariedade com os nossos irmãos que fazem fronteira. O Brasil não tem que pedir, o Brasil tem que doar porque é assim que a gente constrói. Não adianta o Brasil ser rico, cercado de países pobres. O Brasil tem que ser rico, mas os outros países vizinhos do Brasil têm que estar ricos também, para que a gente possa, entre nós, partilhar e repartir o resultado da riqueza.

Eu lembro que quando Itaipu foi criada, em [19]71, os argentinos achavam que Itaipu era uma arma brasileira para inundar Buenos Aires e ameaçaram o Brasil com a bomba atômica, mas era a lógica, era a lógica. Maquiavel já dizia, meu filho: “É dividir para reinar”. O Chávez me disse que nas aulas que ele dava para as Forças Armadas venezuelanas, a palavra de ordem era a seguinte, dita pelos americanos: “O inimigo é o Brasil”. Os empresários do México têm medo dos empresários brasileiros e não têm medo dos empresários americanos. Então, essa doutrina foi colocada em prática durante séculos para dividir. Então ficavam os presidentes do Brasil e da



Argentina brigando para ver quem era mais amigo de Bill Clinton, de Reagan, de Margaret Thatcher, ficavam brigando.

Eu acho que a coisa mais extraordinária que nós conquistamos na América Latina hoje é a autoestima. Nós gostamos de nós, nós temos orgulho do que nós somos, nós temos orgulho. Nós não temos mais vergonha de ser latino-americanos, nós não temos mais vergonha de encontrar um brasileiro batendo pandeiro embaixo de um viaduto em Amsterdã, ou encontrar com um chileno tocando aqueles aparelhos chilenos ou um boliviano. É melhor estar fazendo aquilo, trabalhando honestamente, do que se estivesse roubando em qualquer lugar do mundo. E nós precisamos valorizar isso.

Eu quero dizer para vocês que termino meu mandato no dia 31 de dezembro. Às 10 horas da manhã do dia 1º estarei entregando a minha faixa presidencial, com a cabeça tranquila e a consciência tranquila de que ainda falta muito para a integração, falta muito. Nós ainda temos muitos resquícios do passado; nós ainda, muitas vezes, confiamos menos em nós; muitas vezes temos dúvida. Mas criar a Unasul, fortalecer o Mercosul, criar o Conselho de Defesa da América do Sul, criar o Conselho de Defesa de Combate ao Narcotráfico, fazer duas reuniões América do Sul/África, duas reuniões América do Sul/Oriente Médio não é fácil. Fazer a primeira reunião, em 200 anos, entre toda a América Latina mais Caribe, a primeira que nós fizemos foi na Bahia, porque não era permitido fazer reunião se não estivesse presente os Estados Unidos.

Então, depois de 200 anos, nós estamos aprendendo a andar com as nossas pernas, a enxergar com os nossos olhos, a falar pela nossa boca e a pensar pela nossa cabeça. E quando isso acontece, aí, sim, nós estamos conquistando definitivamente a nossa independência. E quando isso acontece com uma universidade como esta, eu, ao sair daqui, voltar para a minha casa e terminar o meu mandato, termino com a consciência tranquila de que a semente para a integração, mais importante do que uma estrada ou do que



uma ponte, está aqui, nesses meninos e meninas de blusa amarela, que vão significar o futuro da integração da América Latina.

Um grande abraço e boa sorte para a nossa Universidade da América Latina!

(\$211A)